



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

ANO 67 - NÚMERO 600 - FEVEREIRO de 2006

CERJ
Boletim

IMPRESSO

Festa no céu

Excursões e festa de confraternização na Serra dos Órgãos
marcam os 67 anos do Cerj

Zé, Miriam e Claudinha no
cume do Garrafão



Foto cedida pelo Zé

E mais:

Escalada no Chile

Entrevista com Carrô



EXPEDIENTE 2006

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida
2 - Solange Conde

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Gustavo Moulin

Diretora Social

Paula Garcia

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretor de Divulgação

Silvia Noronha

Auxiliar de Divulgação

Miriam Gerber

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Iara Aniboleti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ:
Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que mencionada a fonte



Família Cerj

Mais uma vez me encontro diante do desafio de fazer parte de uma diretoria, sendo que desta vez na figura de presidente. Aceitei essa tarefa sabedor de que teria uma equipe formidável – que se encontra elencada na coluna ao lado –, cujos participantes em sua maioria já contam com a experiência de gestões passadas e apenas quatro estão debutando. Com experiência ou sem, percebo que existe uma grande motivação de toda a equipe, o que faz a diferença nos momentos de dificuldades.

Parabenizo o Wal e a sua brilhante equipe por terem transformado o clube no que ele é hoje, ou seja, uma entidade com bastante atividade, com uma galera bem animada tanto para as escaladas e caminhadas, quanto para as já famosas festas. Uma verdadeira turma de companheiros e amigos, cujos propósitos são os de interagir com a natureza, preservá-la, exaltá-la e também o de superar desafios. Hoje somos a FAMÍLIA CERJ!

José Carlos Muniz

Presidente CERJ



Falha nossa

Por um problema no arquivo, deixamos de incluir o Salô (dia 29) e a Layla (25) na lista de aniversariantes de janeiro. Mil desculpas.

Expo Sobral

Para fevereiro e março, o nosso sócio-fotógrafo Sobral Pinto nos brindará com “Os antigos abrigos do PNSO”, com fotos históricas exclusivas. Confira na sede do Cerj como era gostoso ficar naqueles abrigos!

CBM 2006

O sempre concorrido CBM está marcado para começar em 10 de abril. Melhor reservar já a vaga deixando seu nome na secretaria do clube.

Camiseta dos 67 anos

A camiseta comemorativa dos 67 anos do Cerj já está à venda por apenas R\$ 15, em modelos padrão e baby look. A blusa traz estampada a foto dos integrantes da histórica ETGE de 1965. Imperdível!



CBM 2005 invade os Coloridos

S. Pedro deu um susto na sexta à tarde, parecia que não iria dar para escalar no sábado (28/01), mas no fim deu tudo certo. A “dança do sol” da galera do CBM é poderosa!! Às 15h30, conforme combinado, todo mundo na base dos Coloridos (menos Marcia e eu, que atrasamos uns 15 minutos, por culpa minha).

Dos 13 CBMs 2005, nove estavam na pedra. A nós se juntou a Andrea (CBM 2004) e a Monica (CBM “eu ainda vou fazer”). Formamos três cordadas de três e uma de dois. As vias Arco-íris, Infra-vermelho e Azul já estavam ocupadas por terceiros, o que nos obrigou a escalar as mais difíceis (Vermelho, Três Patetas e Preto). Isso foi até mais legal, pois nos agrupou todos em vias vizinhas umas das outras, e aquilo virou um “cortiço”. Chegando lá em cima olhei pro lado, vi o

Dex. Mais adiante o Dani Boy e a Carina, todos trazendo seus participantes: Sergio, Lorena, Solange, Monica, Andrea.... Olhei pra baixo, vi Marcia e Cláudia. Pensei... taí nosso CBM! Cadê os guias??? Vi também sorrisos estampados nos rostos de todos. Acho que valeu a pena.

Destaque absoluto para alegria incontestável do Julio, lá na base das escaladas, fotografando tudo e pulando de um lado para o outro, feliz feito um pinto no lixo, com o Gus Moulin a tiracolo. É, mestre Julio..... é muito bom mesmo ver o resultado de um trabalho bem realizado! Em nome de todos, parabéns e muito obrigado por tudo! Para você e para a sua equipe.

Rafael Tillaça

A turma do CBM 2005 já atingiu certa “independência”. No final de janeiro, essa turma marcou uma tarde de escaladas guiadas por eles mesmos.

A partir do alto, Sergio, Rafael, Marcia, Dex (em pé), Daniel, Solange, Andreia, Lorena, Carina (em pé), Claudinha e Monica (foto cedida pela Lorena)



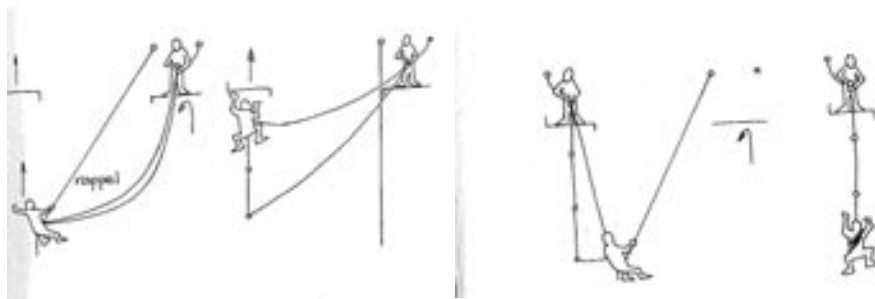


TÉCNICA DE ESCALADA EM ARTIFICIAL PARTE 3 (TÉCNICAS MAIS REFINADAS)

Pêndulos com a corda são técnicas que lhe permitem abandonar uma linha e buscar outra mais promissora à direita ou à esquerda. Travessias sob tensão é a técnica mais simples: o guia desce (de baldinho), baixado pelo segundo, usando seu mosquetão superior como polia improvisada e, metros abaixo, corre para um lado ou outro, procurando melhores apoios.

Na técnica de pêndulo geralmente é preciso uma segunda corda, que o guia usa para rappelar parede abaixo e, da mesma forma, correr para um lado ou outro. Esta técnica permite cobrir uma área maior, mas também impõe ao segundo maiores problemas. Algum equipamento (a ancoragem de rappel) geralmente acaba tendo que ser abandonado, a não ser que possa depois ser recolhido pelo segundo, com corda de cima. Não a corda de rappel, evidentemente: esta é recolhida pelo segundo, depois que ele mesmo atravessa o trecho em pêndulo e se coloca abaixo da nova linha de subida do guia, passando a subir de jumar pela corda que dava segurança ao guia - e que agora está ancorada em fixa.

Se o guia é baixado pelo segundo, é melhor dar menos corda do que corda demais, do contrário o guia pode deixar escapar (por excesso de corda) uma boa linha de apoios, e terá que resolver por si mesmo como subir aquele metro extra - o que não lhe deveria ser muito difícil, dispondo de jumares, etc. Uma vez instalado numa linha melhor, é interessante subir o máximo possível antes de colocar qualquer costura de proteção. Isto para ajudar seu segundo, que terá que lhe seguir os passos. No entanto eu considero que qualquer técnica de pêndulo ou travessia sob tensão já implica, por definição, em usar duas cordas (mais uma terceira, se houver um saco a ser rebocado). As manobras ficam todas muito mais fáceis para o segundo: a primeira é a corda de segurança do guia, passada por dentro de todas as costuras; e a segunda é uma retinida, unindo o guia ao segundo, mas passando por fora de todas as costuras, e reservada apenas para a segurança ao segundo, por cima, quando este tiver que subir limpando a parede dos artefatos colocados pelo guia.



Texto Retirado na íntegra do Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - 1995

Julio César P. Mello

Data	Atividade	Tipo	Responsável
04 de fevereiro	Olimpo	Escalada 3º Illsup	Zé
11 de fevereiro	Escalavrado	Caminhada semi-pesada	Zé
18 de fevereiro	Paredão Roda Viva	Escalada 4º VI	Mollica
18 de fevereiro	13 Picos PNT	Caminhada pesada	JP e Zé
19 de fevereiro	Paredão Vilma Arnaud	Escalada 4º V	Mollica
18/19 de fevereiro	Freira de Macaé	Caminhada pesada com acampamento	Miriam
25 a 28 de fevereiro	Serra do Lenheiro (Carnaval)	Escaladas diversas	Júlio

Aniversariantes

Fevereiro

- 04 **MARIA PAULA GARCIA**
- PAULA APRIGLIANO**
- 10 **JULIA REQUIÃO**
- 14 **ANDREA DA SILVA PEREIRA**
- ELIANE VALE DA COSTA BRAGA**
- MARIA MARINETH N. MACEDO DE ALMEIDA**
- MYRIAN C. JOURDAN**
- 16 **SEBASTIÃO FRANCISCO DE LIMA FILHO**
- 21 **RONALDO WYN WEGNER**
- 23 **DANIEL FILISBERTO SCHULZ**
- 25 **RICARDO DEL CASTILHO**
- 26 **ARTHUR COSTA DA SILVA**
- 27 **CELIA SCHIAVO NETTO**
- GERARDO RODOLFO SCHULTZ**
- MARCELLA SCHIAVO**

Escalada no Chile: paraíso das fendas

Tudo começou em setembro passado, num daqueles domingos chuvosos em que a gente fica em casa meio deprimido, sem ter o que fazer... Estávamos Flávio (Carneiro) e eu conversando, quando ele vira pra mim e diz que tem uma proposta a me fazer... Falei pra ele: "manda"... E ele pergunta se eu não queria ir com ele escalar no Chile, em dezembro. Ele iria fazer um curso do Greenpeace por uma semana, e eu poderia encontrá-lo ao final do curso e dali desceríamos para escalar na região de Cajon de Maipo. Em poucos segundos, a única coisa que me veio à cabeça foi: eu não tinha férias há 12 anos... Isso fez com que a resposta viesse quase imediata... "Proposta aceita!"

Durante os meses que se seguiram, saí correndo atrás de preço de passagem, pesquisei inúmeros hotéis, cabanas, campings, descobri uma página que tem todas as vias de escaladas do Chile, desde paredes, falésias, gelo e tradicionais – e que vale ter nos "favoritos", anotei aí: www.escalando.cl.

E assim fomos escolhendo os locais que ficavam mais perto de Santiago, e que tinham o tipo de escalada de que mais gostamos: vias mais longas, vias em móvel etc. Decidimos levar todo o equipamento para camping, embora ainda não tivéssemos certeza se iríamos ou não acampar e, com todos os preparativos, os meses voaram.

Logo dezembro chegou e o Flávio partiu, uma semana antes que mim. O curso que ele foi fazer era em Concon, cidade de praia próxima a Viña Del Mar e era lá que eu deveria me encontrar com ele. Saí do Rio no dia 9, à noite, cheguei em Santiago às 3h da manhã e fui para um hotel. No dia seguinte, parei na locadora em que eu tinha reservado um carro e peguei a estrada rumo a Concon... Senti uma sensação muito boa estando ali, dirigindo sozinha naquela estrada, num país que eu nunca tinha estado antes, indo rumo a uma pequena, mas emocionante viagem.

Os primeiros dias que passei em Concon foram mais de descanso, praia, piscina... e logo chegou a hora de partimos para as escaladas, após o término do curso do Flávio. Dormimos uma noite em Santiago e, no dia seguinte, seguimos para Cajón del Maipo. Esta região está a uma hora de Santiago, tem uma altitude de aproximadamente 1.250m e fica um pouco distante das montanhas mais altas. Escolhemos para hospedagem um dos hotéis que havíamos pesquisado, na cidade de San Alfonso (a 10 km de San Jose del Maipo). Logo no primeiro dia fizemos amizade com o casal que toma conta do hotel, o que nos valeu uma boa conversa à noite, com a promessa de, na manhã seguinte, eles nos apresentarem ao Ricardo, amigo deles e guia local de escaladas.

Dormimos com aquela sensação de que o dia seguinte prometia... e foi o que aconteceu. Logo cedo partimos para buscar o Ricardo na cidade, e ele nos levou para conhecer San Gabriel. San Gabriel (a 10 km do hotel) é o paraíso das fendas: são blocos e mais blocos enormes de pedra, com fendas por todos os lados. Nossa primeira escalada nos rendeu seis enfiadas inteirinhas feitas em móvel... o único piton da via, o Flávio fez o favor de pular... O lugar é tão grande que a gente nunca faz cume -- ou seja, você escala duas enfiadas, pensa que chegou a um lugar e aparecem mais duas, você faz mais essas duas e lá surgem outras... Não acaba nunca! Portanto, decidimos manter como meta nos nossos dias de escalada o horário das 18 horas para o início dos rapéis, onde quer que estivéssemos.

Por não existirem grampos, os rapéis são sempre delicados, ora em bico de pedra, ora em árvore, e o abandono de fitas e cordeletes é uma constante. Como já estávamos preparados para isso, levamos muito material extra pra garantir qualquer eventualidade e poder mesmo abandonar. A adrenalina de descer sempre com duas cor-

churrasco na casa da Odília, que era para eu aparecer. Quem foi de cara me receber foi a lara. Fez aquela festa: 'É o Carrozzino!' Eu adorei ver o clube arrumado, porque isso aqui foi fruto de um trabalho nosso que você não tem idéia. Todos os clubes que não tiveram sede morreram. Eu tive uma recepção que não esperava. O JP falou logo para eu voltar para escalada e para quem escala o desafio passa a ser importante na sua vida. Pensei: ih, caramba, é um desafio. E eu estava pensando que ele ia marcar um Colorido, mas marcou Emilio Comicci (3º V, via clássica no Dois Irmãos de Jacarepaguá). Fomos Ester e Wal; JP e eu. Quando escutei o 'pode vir!', me veio à cabeça: o que estou fazendo aqui? Veio toda aquela sensação de medo, de tudo. Fui indo, mas o estresse estava forte. Cheguei lá em cima supercansado, mas estava mais feliz que nem pinto no lixo.

O que a volta à escalada está representando para sua vida?

Carrô: São duas coisas importantes. Primeiro, o grupo de pessoas que pertencem à minha vida aumentou muito. Tem pessoas que eu tenho prazer, tem pessoas que eu gosto, tem pessoas que eu adoro, tem pessoas que eu amo dentro deste clube, sem falar no Claudinho, Pellegrini; eu daria a vida por eles. Fora isso, me sinto muito melhor, acordo todos os dias bem disposto, durmo tarde, acordo cedo, estou feliz com a minha vida. Não vejo mais hoje como consegui viver sem isso.

Como é escalar paredes de agarrinhas? Você está gostando mais desse estilo ou tem saudade das fendas e chaminés?

Carrô: Para mim, hoje, a melhor técnica é sair de um paredão que não exija todo o seu corpo físico. Mas onde eu me sinto melhor? Realmente no Olimpo (em janeiro) eu estava que nem pinto no lixo. Não tive dificuldade em nenhum lance, porque é oposição e era isso que a gente fazia, né, usava muito braço. Essa dança cansa mais, mas eu me sinto bem melhor. Na Stop eu me sinto na minha casa. Naquela época era isso. Tem uma fenda? Então é por aí que vamos.

E o desafio da escalada naquele tempo e agora?

Carrô: A sensação é a mesma: a frustração quando não me sinto bem numa via; eu volto chateado. Quando faço muito bem, fico satisfeito.

Você se sente mais seguro hoje por causa da evolução dos equipamentos?

Carrô: Quando você não tem a coisa, você não sabe, né. Naquela época podíamos ter descoberto o nó UIAA e não descobrimos. O oito usávamos só para descida; e a segurança era no ombro e pronto. Nós confiávamos no material de forma direta, pois a corda não ia no baudrier e sim na nossa cintura. O mosquetão, após passar pela corda, ia direto para o grampo e hoje há dois mosquetões e entre eles uma fita costurada. Na descida, deixávamos a corda percorrer pelo nosso corpo ou através de uma solteira, também atrelada ao corpo. Conclusão: ontem o material estava sempre em contato conosco; só se rompendo teríamos uma queda fatal e hoje dependemos exclusivamente na linha nas costuras das fitas, do baudrier etc. Estamos sempre por uns fios. Até hoje não me acostumei com a total segurança do baudrier.

Qual a importância do Cerj na sua vida?

Carrô: As coisas mais importantes da minha vida eu devo a este clube. Eu perdi minha mãe com quatro anos de idade e meu pai com nove. Fui criado pela minha avó; uma pessoa fantástica, mas desde os quatro anos eu nunca tive casa. Eu sempre morei fora da minha casa. Essa sensação acompanhou a minha vida até me casar. Antes de entrar para o clube, eu jogava futebol e o Silvinho, dono da Casa Cruz, me trouxe para o alpinismo. Quando cheguei aqui, encontrei gente que me afagava. Tive a sorte de me adaptar rapidamente bem a este esporte. O clube me deu a profissão da minha vida (a partir do curso de programação de computação aberto pelo Claudio Leuzinger, guia do Cerj). Conheci a Layla no clube e ela me deu dois filhos. O clube realmente foi o que me deu e hoje está me dando maior prazer.

“VOLTOU TUDO AQUILO QUE ERA ANTES”

Carlos Carrozzino, guia e grande escalador do Cerj na década de 60, parou de praticar o esporte em 1973. Foram 30 anos fora da atividade até que a vida o trouxe novamente para o clube. Hoje, aos 62 anos, Carrô voltou à forma e tornou-se rapidamente um grande companheiro e exemplo para todos do Cerj.

Como foi que você parou de escalar?

Carrô: Naquela época o montanhismo até podia ser um esporte para pessoas de mais idade, mas a média com que os escaladores paravam na Europa era de 40 anos; aqui era na faixa de 30 - parávamos de escalar forte, podíamos fazer uma ou outra coisinha, participar de caminhada... O fato de casar e parar parece ter uma relação muito forte. Eu comecei a escalar tarde, com 21 anos; as pessoas começavam com 17, 18. Hoje em dia tem quem comece com 50 etc., interessante, né? E casei com uma montanhista (Layla), então mais do que nunca eu deveria continuar... Mas eu estava iniciando uma nova carreira: de informática; comecei a trabalhar muitas horas. Isso tudo foi mudando a característica do meu dia-a-dia. Eu me casei em 1970 e até 1973 ainda me arrastava neste elo até que entrei para a faculdade. Aí ferrou; chegava meia noite em casa. Eu tinha que ir à luta. Onde é que aprendi isso? No alpinismo, pô, que eu tinha que batalhar. Mas isso matou. Aí, em 1974, meu primeiro filho; em 1976, o segundo. Aí enterrou.

Você não ficava triste, pesaroso?

Carrô: Não, a vida mudou mesmo. Eu me sentia um pouco isolado porque eu não procurava ninguém; foi quando, num aniversário de seis anos atrás, o Paulo e o Gustavo (filhos) me deram um baudrier, um oito e um mosquetão-mãe. Porque aí eles já estavam independentes.

Se eles deram este presente é porque talvez percebessem alguma coisa...

Carrô: Eu perguntei: que isso? porque pouco antes tinha feito um São Bento com os

dois, Pellegrini e Claudio (Vieira de Castro) e eu quase morri subindo o São Bento. Eu estava com uma inflamação séria na vesícula e ainda não sabia. Pensei: não vou fazer mais. Aí eles apareceram com isso e falei: jogaram dinheiro fora. Mas eles disseram que não, que eu ia voltar a escalar. Paulo disse: 'ah, pai, nós estávamos achando que você estava muito triste'. Eu não sentia falta (da escalada) porque tinha muitas outras coisas para fazer até que comecei a não ter mais meus filhos. Há uns quatro anos, o Paulo disse que, antes que eu morresse, queria fazer um negócio inesquecível comigo: o caminho Inca. Comecei a me preparar. E fizemos o Caminho Inca, que para mim foi um esforço tão grande devido a altitude que falei: bom, agora eu não paro mais. Continuei a caminhar, agora na companhia da Layla, alguns percursos mais longos, como Pedra do Sino. Não procurei o clube porque achava que não tinha mais condições técnicas de escalar, porque a escalada dá essa sensação do receio, do medo que eu não queria ter mais, achava que não tinha nada a ver comigo.

Você não foi na homenagem à Velha Guarda na Abertura de Temporada de 2003.

Carrô: Eu, como sou meio Juliano, pensei: tenho meus objetivos. Não vou ficar olhando um monte de gente passeando enquanto tenho uma caminhada marcada. Me arrependo porque soube de pessoas que estiveram lá que nunca mais apareceram. Eu não fui e o Nelson Bravin me ligou; comentou que haveria uma reunião no clube para definir um



Carrô e o filho Gustavo após a via Paulo de Faria

das (também muito importante nesse local), presos nessas pedras e árvores, em geral só acabava quando estávamos de volta à base. As trilhas não são longas, mas é necessário ter cuidado, pois o tempo inteiro você está andando em pedras soltas, seja no início ou quando começam as subidas...

A temperatura para escalar nessa época do ano é ideal. Usando uma camiseta sem manga ou com manga curta você passa o dia inteiro sem sentir calor nem frio. O sol só se põe depois das 21h; com isso, podíamos escalar num horário de meio-dia às 20h, sem nunca ter usado as lanternas de cabeça. As fendas são próprias tanto pra friends quanto nuts e é importantíssimo levar o saca-nuts, porque as colocações em geral são tão perfeitas que eu diria que em 95% das vezes precisei desse auxílio.

A graduação das vias que fizemos girava em torno de um 5° por serem sempre bem verticais e em algumas delas apareciam alguns lances de 6°, e uma ou outra vez de 7°.

Os chilenos são um povo muito amável e hospitaleiro. Devido a essa amizade que fizemos por lá, tivemos como presente um churrasco com direito a seresta chilena, oferecido para nós na casa deles, mais almoço de despedida, e até um passeio a uma cidade do interior para assistir a um rodeio típico da região.

Nos sete dias que passamos nessa região pudemos conhecer também um local de falésias, chamado Palestras de Manzanno. Às vezes tínhamos que intercalar um dia de escalada muito longa com outras menores para poder descansar um pouco. Voltamos a San Gabriel mais três vezes, fazendo vias diferentes, e posso afirmar que vale a pena conhecer a região. Com certeza, assim que pudermos, vamos voltar!

Adriana Mello



Flávio (no alto) e Adriana, na região de Cajón del Maipo: lugar ideal para móvel, a uma hora de Santiago



Nova diretoria reunida: (do alto, a partir da esqu.) Sílvia, Zé, Carrozzino, Miriam Bamos, Muntiz, Ana Paula, Paula Garcia, Gustavo Moulin e Júlio

FESTA NO CÉU

Ver aquela galera chegando gradativamente das diversas excursões ocorridas no PNSO foi maravilhoso. A cada grupo que chegava, trocávamos o tradicional êêêôôô!!!, nesse momento ainda separados pela distância entre os dois platôs, o da administração e o do alojamento. A noite chegou e com ela a nossa tão esperada festa. As mesas foram impecavelmente bem arrumadas por nossas sócias e convidadas. Foi criado um verdadeiro ambiente de confraternização entre as diversas gerações de cerjenses que ali se encontravam: do Pellé, Claudinho e Carrô, passando pela do Zé, Miriam e Wal, e mais à frente a do Júlio e terminando com a do Rafael e o Dex.

Muito obrigado por esse encontro inesquecível.

P.S. Os que tiveram seus nomes omitidos desse relato sintam-se contemplados com as diversas gerações que aqui citei.

José Carlos Muntiz



Festa no alojamento da Serra dos Órgãos: Sandra, Egito, Pellegrini, Claudinho, Mollica, Layla e Maria (fotos cedidas pelo Carrô)

AGULHA DO DIABO: DEMAIS!

É praticamente impossível reproduzir por escrito o que senti, mas não posso deixar de dizer que fazer a Agulha do Diabo (em um dia) foi simplesmente DEMAIS!!! A caminhada é pura ralação (principalmente o último pedaço - ele nunca termina), o cavalinho não era o estresse que eu imaginava, e a chaminé da unha é muito legal de fazer! O melhor de tudo, no entanto, foi ter a chance de, daquele cume, ver aquele visual absurdo, num dia maravilhoso, com meus dois grandes amigos, Rodrigo e Wal. Valeu time!!!!

Paula Garcia

Agulha do Diabo. O nome é atemorizante e, por isso mesmo, instigante e desafiador. Excitante. Mirante do Inferno. Este nome causa menos pavor, já que ele sugere uma certa distância da cena. De lá se avista o perigo, mas não se toma parte nele. A Agulha do Diabo é o destino de meus amigos Wal, Paulinha e Rodrigo. Eu devo acompanhá-los até o Mirante do Inferno.

Acordamos e partimos. O dia nos acompanha e compartilha de nossa felicidade. A caminhada é longa mas somos muito mais rápidos do que o tempo. Chegamos às proximidades do Mirante. Estamos em frente à

Agulha. Sua visão justifica o seu nome. Ela é majestosa, imponente, soberba; reina absoluta. É provocante. Mas a ousadia de meus amigos os faz rir diante dela. Eles não se intimidam e começam a escalada. A Agulha vai diminuindo. Ela agora parece um brinquedo. Eles chegam ao cume. Eu os assisto de longe extasiada e com uma enorme vontade de brincar também.

Minha felicidade não é menor do que a deles.

Mônica Costa

'CRUZEIRO' À PEDRA DA CRUZ

Rafael e eu queríamos participar das atividades do aniversário do CERJ.

Rafael sugeriu a Pedra da Cruz, que ele conheceu quando escalou o Paredão Paraguai. Minha preocupação era com a dificuldade da trilha, já que meu espírito (e físico) está mais para ecoturismo. Acordo fechado: eu caminharia numa velocidade de cruzeiro desde que não atrasasse na saída e nem parasse além do necessário para beber uns goles no hydro-bag. Daniel, do CBM 2005, ao tomar conhecimento dos nossos planos considerou essa a oportunidade perfeita para levar a Clarice, sua namorada. Entramos na trilha às 8h45 e chegamos no cume às 12h45.

Adoooooreeeeeiiiiii!!!!!!!

Em primeiro lugar, porque pude curtir todos os aspectos da trilha, observar a vegetação e a vista, principalmente a dos Três Picos, em Salinas. Segundo, porque não cheguei ao cume me sentindo uma "sobrevivente" e pude curtir a vista panorâmica, onde pude avistar até o Alto Mourão, em Itacoatiara. Dia ganho!!!

Marcia
(CBM 2005)

EXCURSÃO AO GARRAFÃO

Sexta-feira (20/01) saímos do Rio, rumo ao Garrafão, com bivaque na base da Pedra do Sino. Éramos cinco participantes: Miriam Bamos (guia), Gerardo, Mollica, Zé e eu. Mi-

nha posição era privilegiada, uma novata no meio de montanhistas super experientes.

Caminhamos por volta de 4 horas até chegarmos à base do Sino, onde comemos o macarrão com molho de tomate do Gerardo, acompanhado de um delicioso vinho tinto. De cenário, tínhamos um céu estrelado iluminando nossa mesa, e perfeito para passar a noite do meu primeiro bivaque.

Sábado caminhamos até o cume da Pedra do Sino. Que emoção! A vista de todas aquelas montanhas, a Baía de Guanabara, os Três Picos de Salinas, tudo perfeito.

Seguimos para o nosso principal objetivo: o cume do Garrafão. Depois da chaminé, rapelamos, descemos o trecho do cabo de aço e subimos até o cume. O visual continuava ali, aguardando pela gente. Na descida, no meio das ferroadas das formigas, Miriam me deu uma aula teórico/prática de prussik e, rapidamente, aprendi a técnica e subi: as formigas deram uma força para o meu aprendizado...

A emoção é indescritível, na memória fica o registro de mais uma excursão belíssima, acompanhada de pessoas maravilhosas.

Claudinha
(CBM 2005)

"Noite clara,
Céu risonho,
A quietude é quase um sonho,
E a Lua qual chuva de prata

Cai tal chuva sobre a mata em seu raríssimo esplendor..."

E, por aí vai o "tangão"...

E toca para o Garrafão! Nunca vi a trilha seca. Naquele dia foi a primeira vez! A excursão foi ótima, e melhor ainda foi a confraternização com o CERJ reunido comemorando 67 anos... 67 anos de existência de uma instituição, nestes Brasis, é coisa séria, de responsabilidade, como diria meu Padrinho Ponciano de Azeredo Furtado, coronel da Guarda Nacional e renomado caçador de lobisomens!

João Mollica